



**Contos e
Novelas
Portuguesas
do SÉC. XIX**

Biblioteca Online do Conto

Contos e Novelas Portuguesas do Século XIX

2014, Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, IP

Orientação: Luísa Costa Gomes

Digitalização e Correção: Inês Fonseca Santos

Revista Ficções / Instituto Camões / Instituto do Livro

Vitorino Nemésio

CABEÇA DE BOGA

I

Quando o Abílio foi para o Brasil (conta Mateus Queimado), a mãe dele fez-lhe medas e medas de camisas e de ceroulas. Lembro-me disso muito bem. Éramos uns poucos: o Abílio, eu, o Fausto, o Hemetério, o Francisco da Segunda, o Tiázé. Mas estes dois não iam jantar nem passar tardes connosco, de bibes embrulhados ou pela mão de um criado, como o Chinchinho. Cheiravam a peixe e, quando o ranho era muito, limpavam-no à manga do casaco e engoliam o resto, fungando.

O Francisco da Segunda era miúdo e vivo como azougue; o Abílio, pacato e pesado. O Hemetério tinha um corpo de galgo e pegava-se um pouco na voz; o Fausto estava acima de todos na escola e era pitosga. Quem o queria bravo era meter-lhe um calhau na algibeira ou puxar-lhe disfarçadamente pelas abas da jaca, quando estava a estudar. As duas coisas ao mesmo tempo, comandadas pelo Francisco da Segunda (que para isso piscava o olho), punham-no fora de si. Tornava-se muito vermelho, baixava a cabeça e investia. Então fugíamos todos; e enquanto o Segunda, leve como um macaco, o ia capeando, ouvia-se em coro o apupo selvagem:

- Fausteca doida! Fausteca doida!

O Abílio evitava tomar parte nestas montarias, bonacho e gordo. Só pensava nas cartas do jogo e num irmãozinho de cinco anos que tinha em casa e nascera fora de tempo: o Pirrilha. Sendo preciso, o Abílio corria cem metros de um fôlego e nem o Segunda lhe pegava: apertava muito os beiços, e, de rabona a dar a dar, estalava a patada na meta que até se acabava o mundo! Mas, se corria muito, ficava a suar. Sentava-se nos degraus da escola e precisava de minutos para se lhe não ouvir o fôlego. Depois, limpava as bagadas do suor e ficava para ali um fraquezas, que o próprio Tiázé lhe chegava o cuspo ao nariz sem perigo de chapada no focinho.

Tínhamos inventado havia pouco essa maneira suprema de levantar a luva. À mínima pega de palavras - uma aposta, um pião contestado - o mais forte ou afoito fazia peito:

- É mintira? É mintira?! Toca-me no nariz!

O outro cuspiam na cabeça do dedo, e, se tocava, sentia-se cantar a bofetada, até que o primeiro soco estreme pusesse umas ventas *knock out*.

Mas o Abílio não gostava de choques, um pouco sombrio e bom. Os desafios eram principalmente para os que tinham pai pescador, acostumados ao falatório nas vendas até que horas!, às pragas do puxar da rede, às juras terríveis das mães tratando-se de curtas e compridas nos lavadouros públicos, até que uma esguedelhava a outra ou lhe virava o traseiro sugerindo à força de palmadas não me lembro que prova de limpeza. Os maridos vinham fazer as pazes ou iam liquidar o caso abaixo da muralha, de navalhão nas unhas.

Nós, "os da terra", brincávamos a outras coisas. Os nossos pais tinham escritórios ou lojas; as nossas mães tinham salas com consolas, avencas e begónias. Era outra loiça...

Minha mãe, por exemplo, gostava muito da Sr.a D.a Claudina. Era a mãe do Abílio. Dizia sempre:

- Eu vou poucas vezes a casa da Sr.a D.a Rosinha, mas somos amigas, que isso é que é! O meu Abílio e o Matesinho, então, são como a unha e a carne...

Minha mãe, essa caçoava, ao ver-nos:

- Lá vem o cego e a sanfona...

Se fôssemos a tomar o dito a sério, o cego seria o Abílio, salvo seja. Tudo o que eu quisesses. Para a areia, cortar canas? Para a areia, cortar canas. Faz-se uma gaita! Ele preferia uma espingarda e um terçado - com que ficava pândego, grande negalho de barbante a medir-lhe a barriga. Mas eu dizia: "Faz-se uma gaita?" - e eram logo duas gaitas o que realmente se fazia, ficando para mim a que tinha a película melhor. E - "nhom... nhom... nhom..." - dávamos razão a minha mãe no dito de "o cego e a sanfona".

Estávamos a ficar espigados. Ao meio-dia, o Sr. Professor tocava a campainha, íamos quietos e direitos até ao corrimão; depois, quem tinha mais perna chegava primeiro à rua. Da varanda da casa da Escola via-se rolar o mar. De Inverno era quase sempre verde e grosso, como que cuspidos. A praia - mais curta. Grandes rejeitadas de espuma salvavam o barracão das redes. E, se pegava o vento e a chuva, era quase sempre uma chuvinha à toa, uma morrinha virada a nordeste, de gaivotas chiando à venda do Pexinho. No saguão da Escola jogava-se ao pulga-piolho e fedia a eflúvio humano...

Mas, passados os nevoeiros, o céu das ilhas rasgava-se, o Sr. Professor vinha à janela fumar e disfarçava o caso. Ao longe, já havia pretextos para o Sr. Professor fazer o caso disfarçado: toninhas à tona de água, e as velas da companhia do Velhinho, que no outro Inverno morreu no mar. Íamos então tomar uma banhada, deixando a roupa e o calçado escondidos nas caneiras.

Um dia, eu e o Abílio achámos engraçado que aquilo que Deus nos deu ficasse arrepiado ao vir do banho. A nossa pele, amarelada da calma, escorria. Mais de uma hora no mar (faltámos à escola da tarde) fazia-nos bater o queixo. Enxugámo-nos rolando na areia. Depois, ainda nus, sentados, o Abílio atirou-me um punhado de areia ao umbigo.

- Está quieto!

O Abílio atirou-me um cuspo um pouco abaixo do umbigo.

- Está quieto!

Zás!: um bocado de cortiça de rede exactamente ao mesmo sítio. Estávamos secos, ambos de pele retesada; sentia-se ao longe o tape-tape da fábrica de moagem e a burra do Trajela zurrando. A maré ia na vazante, e por isso se ouvia aquele seu gorgolhar longínquo e entorpecido. Então, com gravetos, tomámos medidas mútuas e falámos cá das nossas coisas. Apesar daquela solidão, mal nos ouvíamos. Os nossos interesses acordados pela nudez eram de um mundo ainda mais sério e isolado, para lá daquela redondeza de areia lisa e quente.

Eu disse que a nossa criada, a Malagrida, se punha a bufar nas brasas ao dar trindades da noite. Minha mãe - fora.

- E tu?

- Eu, por trás...

Cada um de nós abria a sua covinha na areia com os gravetos das medidas. Olhámos de través um para o outro. Vi o branco do olho do Abílio molhado de uma goma lustrosa:

- Pois eu...

- Conta!

- Eu não tenho nada para contar. Eu, cá, namoro a Lucinda. - Nunca o vira assim sério; tinha a mão dentro da cova, a arredondar o fundo. Como eu ficasse calado, tirou areia e disse: - Hei-de ir para o Brasil ganhar o dinheiro da passagem para ela ir lá ter.

- E é bom?... - perguntei eu, ainda aferrado à lembrança da saia da Malagrida curvada e bufando as brasas.

O Abílio franziu a testa e disse, encarando-me com espanto:

- Bom o quê?! - Pausa. Eu, para Deus me levar! Talvez contente com a gravidade estúpida que se devia ler na minha cara, condescendeu então: - A gente, cá, é só quando casar... Queres ser meu compadre?

Abotoámos os suspensórios e ficámos amigos como nunca.

II

No exame do segundo grau fiquei distinto; o Abílio ficou suficiente. Uma tristeza! Compareceu de calça comprida, colete branco, a *châtelaine* de D.a Claudina fazendo de corrente de relógio. Como roía nas unhas, o relógio era um descanso para encher o minuto de ignorância, atrapalhado com aquilo de "Qual foi o rei que mandou plantar o Pinhal de Leiria?".

O Sr. Fontes, o professor das Cinco, que era membro do júri, bem cochichava de lá: "D. Dinis... D. Dinis!..." O Abílio, porém, doido por toiros, saíra-se com "D. Afonso Quarto, o Bravo" - e teve a raposa por um triz.

Cá fora, esperavam-nos meu pai e o dele ao lado do Sr. Professor. O mestre não me disse nem palavra; mas a ele não o largou:

- Este cabeça de boga, que me vai estragar os resultados!

O pai do Abílio estava com vergonha do filho, com raiva ao filho, com raiva ao Sr. Professor, com pena de si, do Sr. Professor e do filho:

- Pedaco de mariola! (Olha como tens esse colarinho!) E fazer-me gastar um dinheirão, para ver isto!

- Este cabeça de boga, pôr-me uma nódoa na pauta! - teimava o Sr. Professor.

O pai do Abílio agachara-se um pouco para lhe limpar as lágrimas, mas carregava no lenço e obrigava-o a assoar-se sem precisão nenhuma:

- Força!... O toleirão, que era o primeiro em decimais! (Ó pequeno, não chores, que o Sr. Professor manda na Escola, e em ti quem manda sou eu!)

Mas o Abílio chorava mordido e com os olhos raiados de sangue. Quando proclamaram os resultados, o Sr. Professor abrandou.

- *Abílio Cardoso de Aguiar, suficiente. Mateus Queimado Gomes de Meneses, ótimo.*

Meu Pai deu um beijo no Abílio antes de me beijar a mim. O pai do Abílio apertou solenemente a mão a meu Pai:

- Ah, senhor Meneses! Que consolação, um filho assim!

Estávamos todos mais ou menos vexados; só o Abílio deixou de chorar. Não se sabia bem se por escapar à raposa, se por qualquer outra coisa. Num ímpeto de todo o seu ser atirou-me os braços e disse-me:

- Ó Mateus, ainda bem!

E foi nos olhos dele que eu me senti distinto.

III

Desde aquele dia nunca mais se fez em casa do Aguiar senão roupa de dentro para o Abílio, com tanta freima e ajuntamento de amigas e de vizinhas de D.a Claudina, a mãe dele, que (estúpida lembrança!) só me parecia a lida do picar da cebola (até pelas lágrimas da mãe!) na véspera de uma matança de porco.

Eu andava no explicador para o primeiro ano do Liceu; o Abílio entrara para o armazém do pai, a medir petróleo e vinho. Mas era por pouco: ia para o Brasil ter com um tio. À tarde, se eu entrava na loja, o Sr. Aguiar lá se comovia e dava alta ao filho:

- Vá lá passear com o Matesinho! Já que não teve cabeça para estudos, talvez tenha lombo para carregar café... - E, mudando de tom: - Deixa estar, que teu tio não tas poupa...

Mas o Abílio - tão sentido por tudo, tão amigo do pai! - tornara-se duro, indiferente, como que cínico. Andava muito mais pálido, com os beiços mais brancos; mas as cordoveias do pescoço estavam cada vez mais rijas e, ao longo das ruas da Vila, na passeata, suspirava e ficava a olhar para mim com os olhos em que eu lera a minha verdadeira distinção.

A mim parecia-me, porém, que uma coisa qualquer estava a tornar agora o nosso Abílio distinto, a mim suficiente - e viva o velho! Não sabia o que era, nem se era: sabia que o tio do Brasil era o tio dele, se chamava Garrão e tinha um açougue no Rio. O Abílio mostrou-me a carta de chamada, o retrato do tio de bigode frisado e ovo estrelado no colete, e a carteira que a mãe lhe tinha dado para ele meter o passaporte e a estampa do Sagrado Coração. Apertava-se com um elástico; era castanha e rangia. O Abílio pediu-me uma *Prova Escrita: Recordação do teu dedicado amigo Mateus Queimado Gomes de Meneses*. E foi então, quando ele ia a meter a minha lembrança na carteira, que eu vi um retrato da rapariga e - *Alto! O Coração de Jesus está comigo!* - Era a sua Lucinda.

IV

Nesse ano crescemos por muitos em que só tínhamos brincado e pegado à taponar. Minha Mãe raras vezes ia visitar D.a Claudina; mas, sempre que ia, levava-me, e tínhamos que ver as ceroulas que se estavam fazendo para o Abílio. Parecia, em suma, uma noiva nas vésperas do nó.

Enfim: fomos lá a casa outra vez, que já estava a mala de porão envernizada no corredor. Lembro-me bem que era amarelada, às riscas cor de pulga, e tinha-a visto na véspera às costas do Augusto Escanchado, que costumava carregar os caixões de defuntos assim. D.a Claudina estava lavada em lágrimas, empacando ceroulas. Cheirava a engomado e aos limões contra o enjoo.

Foi quando D.a Claudina os deu a sopesar a minha Mãe que se ouviram os pés do Sr. Aguiar no capacho. Deu a boa-noite. O candeeiro de petróleo luzia tristemente ao fundo do quarto de jantar.

- Trouxeste a corda? - perguntou D.a Claudina. O Sr. Aguiar ostentou silenciosamente um rolo. - Não será pequena?

- Para reforçar a mala, chega. Basta uma laçada em cruz.

Agora começava o trabalho de meter o enxoval do emigrante naquela tumba. O Sr. Aguiar empunhava o candeeiro; minha Mãe ia dando camadas de roupa, que D.a Claudina calcava.

- Aí tem a Sr.a D.a Rosinha o resultado que dá não ter cabeça...

- Aguiar! Nem sequer hoje te calas?! Lembra-te que amanhã, por estas horas, aquele anjo de Deus já vai por esses mares abaixo!

Aguiar, duro, agarrava o candeeiro:

- Ele bem sabe que tenho feito o que é da obrigação de um pai. Mas lá dizer que é uma águia, quando não passa de um cabeça de boga, como o confiado do professor se atreveu a dizer na minha cara... Ele o rapaz onde está?

Pareceu-lhe que estaríamos os dois para o quintal. Mas o Abílio, no quarto onde dormia ao lado do irmãozinho (e ouvia-se tudo pela porta), contava um resto de botões do jogo das marcas para mos dar a mim. Uma vez, que, por diferença de uma unha de lajão a lajão, perdera

com o Tiázé ao fim de uma tarde de azar, chegara a arrancar os botões da braguilha, só para honrar a sua palavra! Que surra!...

Enfim, pegou na navalhinha velha (a mãe dera-lhe uma, nova em folha, para a viagem) e insistiu que a aceitasse. Eu não queria.

- Toma! É a última coisa que te dou.

- Pode servir ao teu irmão ...

- O Pirrilha ainda é pechinchinho para brincar com navalhas. Olha a mãozinha dele... - Pirrilha dormia de boquinha aberta, punho fechado. Os olhos do Abílio, aqueles seus olhos puros e de repente responsáveis, marejaram-se de lágrimas. - Ouviste o que disse o meu pai?... Pega... É a última coisa que te dá o "cabeça de boga"...

Escondeu por um instante a linha das sobrancelhas no pulso, considerou a testinha do Pirrilha e levou-me para os lados da cozinha. Estava todo descorado, com um bocado de sorriso pegado a um canto da boca. Mas, no quintal, vi que os beijos lhe tremiam e que a sua cara de treze anos se tinha forrado de amargo.

Fazia um luar como dia, um luar mexido e sonoro da massa do mar. O quintal era grande, com couves tronchas e, ao fundo, um cedro das Bermudas. Conversámos para ali...: o Francisco da Segunda caía no banho de pranchada: comecei a teimar que o Tiázé ia mais longe a nado; e o Abílio: que o Estoiro é que era o campeão de braçada e o que aguentava mais tempo debaixo de água e vinha à tona sem se cuspir. De saudade em saudade falámos de tudo: da Escola e das caneiras. O Abílio teve vontade de aliviar ("ir acima dos pés" - dizia-se lá na ilha). Para não perdermos conversa, arriou ali mesmo, numa cova ao pé do cedro.

- E sempre queres que eu seja teu compadre, Abílio?

Ele limpou-se a uma mancheia de folhas de erva-limão e disse-me com um ar mais murcho do que triste:

- A Lucinda deixou-me quando tive o suficiente ...

In NEMÉSIO, Vitorino. *O mistério do paço do Milhafre: Contos*,

Lisboa, Bertrand, 1949, pp. 85-99.